

# Ex-servidores protestam contra fim do Saúde em Casa

**D**ezenas de ex-funcionários do Saúde em Casa fizeram uma manifestação no final da tarde de ontem, na plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto, com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para os prejuízos que, segundo eles, surgiram com o fim do programa. Amanhã vai fazer um ano que o Saúde em Casa foi extinto e os ex-servidores alegam que o Saúde da Família, substituto do antigo programa do governo petista, não está atendendo a população carente de forma adequada.

A manifestação contou com a presença da deputada distrital Maria José Maninha (PT), que idealizou o Saúde em Casa. "Queremos lembrar a população que a perda do Saúde em Casa não é uma perda qualquer. Temos notado que, depois da extinção do Saúde em Casa, as filas nos hospitais e prontuários voltaram a crescer, principalmente em casos que antes eram resolvidos nos próprios domicílios", protesta.

A parlamentar aproveitou a oportunidade para cobrar do GDF o pagamento dos direitos trabalhistas - indenização, 13º salário, aviso prévio, entre outros - dos 3,2 mil servidores que foram demitidos com o fim do programa. Em novembro do ano passado, a Câmara Legislativa aprovou um projeto da deputada Maninha que viabilizava o pagamento destes direitos pelo GDF. "No entanto, o governador Roriz vetou o projeto no mês seguinte", disse Maninha.

"Já não sei mais o que fazer para sustentar as minhas filhas. Estou desempregada há um ano e o dinheiro da indenização,

**Eles foram às ruas para criticar o novo programa, mas o secretário de Saúde diz que o atendimento nunca foi tão eficaz**



Os ex-funcionários aproveitaram para cobrar direitos trabalhistas

não tenho nem idéia de quando vou receber", reclama Floraci Rosa da Silva, 33 anos, ex-agente comunitária do Saúde em Casa em Santa Maria.

As reclamações partem de todos os lados. O ex-enfermeiro do Saúde em Casa, Alexandre Jorge, disse que os atendimentos básicos, que antes eram realizados nas residências, como dores de cabeça, acompanhamento de gestantes e diarreias, agora estão tendo que ser providenciados nos hospitais. "A mortalidade infantil por causa das diarreias aumentou significativamente porque os agentes comunitários não estão mais indo até às casas dos doentes para fazer a prevenção ou simplesmente ensinar aos pais como se faz um soro caseiro", dispara.

A ex-coordenadora do Saúde em Casa, Maria Arindelita, também não está gostando dos

rumos que a saúde pública do DF está tomando. "O governador garantiu que o programa não seria extinto e o que aconteceu foi exatamente o contrário". Segundo ela, o acompanhamento domiciliar foi responsável pela solução de 80% dos casos, que, antes iam parar nos hospitais. O restante (20%) eram encaminhados aos centros médicos com agilidade.

O secretário de Saúde, Jofran Frejat, disse ontem que a sua Secretaria apenas faz o repasse dos recursos para os programas e que o dinheiro para a quitação dos direitos trabalhistas dos ex-funcionários do Saúde em Casa é de responsabilidade do Instituto Candango de Solidariedade (ICS). O ICS preferiu não se pronunciar a respeito do assunto.

De acordo com Frejat, as reclamações não têm fundamento. "O Saúde em Família

tem algumas falhas porque ainda está começando e estamos tendo muito cuidado com relação à contratação do pessoal", argumenta. Segundo o secretário, os novos funcionários estão passando por um rigoroso processo de treinamento, antes de começarem a atuar. "Isso não aconteceu no passado. Pessoas despreparadas estavam fazendo o delicado trabalho de saúde pública", acrescenta.

O secretário de Saúde ainda fez uma série de críticas ao Saúde em Casa. Frejat disse que haviam várias irregularidades, como o aluguel de 220 casas para servir de base ao programa. "O governo passado alugou casas com preços de R\$ 300 a R\$ 1,5 mil em locais como Ceilândia e Samambaia, onde sabemos que os preços são bem abaixo disso. O governo passado não preservou o erário público e gastou com o que não precisava. Nós cortamos isso", comentou.

O secretário disse que o Saúde da Família está se estruturando para prestar um serviço bom à população e, até o final no mandato, a idéia é ter cerca de 250 equipes com médicos, enfermeiros, agentes comunitários e dentistas.

Atualmente, a secretaria de Saúde dispõe de 129 equipes médicas e outras 64 de saúde bucal. Frejat assegura, ainda, que a realidade da saúde pública não é a que está sendo pintada pelos ex-funcionários do Saúde em Casa. "Eles dizem que as filas nos hospitais aumentaram, mas, somente no último ano, conseguimos reduzir de 70% para 49% os serviços das emergências", conta.

**RICARDO CINTRA**

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Sebastião Pedra